

O CONTATO, A TROCA E A EXPERIÊNCIA NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO: CARTOGRAFIA E ESCRITA AGONÍSTICA COMO MÉTODOS POSSÍVEIS

Recebido em: 08/08/2023

Aceito em: 06/09/2023

DOI: 10.25110/educere.v23i3.2023-005

Lucas Leon Vieira de Serpa Brandão ¹
Fernando da Silva Cardoso ²

RESUMO: As metodologias utilizadas nas pesquisas em educação seguem diferentes concepções que, de modo geral, têm abarcado métodos que preveem, entre outros aspectos, procedimentos racional-estruturalistas, a comunicação e divulgação científica de resultados desde o mero julgamento dos conhecimentos produzidos, a adoção de uma postura acrítica, a seletividade de dados e o reforço na noção de controle pelo pesquisador, bem como o alargamento de teorias eurocentradas na interpretação dos dados. Nesse sentido o presente ensaio teórico parte de um desdobramento de uma pesquisa mais ampla em andamento e que versa sobre a utilização da cartografia enquanto caminho e desde as articulações sugeridas por Deleuze e Guattari (2011). Articulamos, também, a escrita agonística, pensada a partir de Nietzsche (2011), como trajeto para (re)pensar o método na pesquisa em educação, buscando, assim, ancoragens teóricas que permitam ressaltar direcionamentos que constituam elementos não-reducionistas para os estudos que se utilizam das referidas perspectivas. Evidencia, por fim, a valorização dos processos subjetivos na pesquisa, considerando-os como elementos para a análise e a compreensão do processo de investigação como experiência e experimento de si, para além da mera construção e reunião de evidências.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia da Pesquisa; Cartografia; Método Cartográfico; Agonística; Subjetividade.

CONTACT, EXCHANGE AND EXPERIENCE IN RESEARCH IN EDUCATION: CARTOGRAPHY AND AGONISTIC WRITING AS POSSIBLE METHODS

ABSTRACT: The methodologies used in research in education follow different conceptions that, in general, have encompassed methods that foresee, among other aspects, rational-structuralist procedures, the communication and scientific dissemination of results from the mere judgment of the knowledge produced, the adoption of an uncritical posture, data selectivity and reinforcement of the researcher's notion of control, as well as the expansion of Eurocentric theories in the interpretation of data. In this sense, the present theoretical essay starts from an unfolding of a broader research in progress and that deals with the use of cartography as a path and from the articulations suggested by Deleuze and Guattari (2011). We also articulate agonistic writing, thought from Nietzsche (2011), as a path to (re)think the method in education research, thus seeking theoretical anchorages

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea (PPGEDUC). Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: lucas.serpa@ufpe.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5117-6004>

² Doutor em Direito. Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea (PPGEDUC). Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: fernando.cardoso@ufpe.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8460-0406>

that allow highlighting directions that constitute non-reductionist elements for studies that use these perspectives. Finally, it highlights the appreciation of subjective processes in research, considering them as elements for the analysis and understanding of the investigation process as an experience and experiment of oneself, beyond the mere construction and gathering of evidence.

KEYWORDS: Research Methodology; Cartography; Cartographic Method; Agonistic; Subjectivity.

CONTACTO, INTERCAMBIO Y EXPERIENCIA EN INVESTIGACIÓN EN EDUCACIÓN: LA CARTOGRAFÍA Y LA ESCRITURA AGONÍSTICA COMO MÉTODOS POSIBLES

RESUMEN: Las metodologías utilizadas en la investigación en educación siguen diferentes concepciones que, en general, han englobado métodos que prevén, entre otros aspectos, procedimientos racional-estructuralistas, la comunicación y divulgación científica de los resultados a partir del mero juicio del conocimiento producido, la adopción de un postura acrítica, selectividad de datos y refuerzo de la noción de control del investigador, así como la expansión de teorías eurocéntricas en la interpretación de datos. En este sentido, el presente ensayo teórico parte de un despliegue de una investigación más amplia en curso y que versa sobre el uso de la cartografía como camino y desde las articulaciones sugeridas por Deleuze y Guattari (2011). Articulamos también la escritura agonística, pensamiento a partir de Nietzsche (2011), como un camino para (re)pensar el método en la investigación en educación, buscando así anclajes teóricos que permitan señalar rumbos que constituyan elementos no reduccionistas para estudios que utilicen estas perspectivas. Finalmente, destaca la valorización de los procesos subjetivos en la investigación, considerándolos como elementos para el análisis y comprensión del proceso de investigación como experiencia y experimentación de uno mismo, más allá de la mera construcción y recolección de evidencias.

PALABRAS LLAVE: Metodología de la Investigación; Cartografía; Método Cartográfico; Agonal; Subjetividad.

INTRODUÇÃO

A metodologia do trabalho científico se constitui, tradicionalmente, como um caminho utilizado para se procurar dada verdade, na produção de um percurso até a (suposta) veracidade que possa ser produzida e reproduzida desde um limiar lógico e racional do ponto de vista científico e aceito a partir do cumprimento de uma espécie de *checklist teórico-metodológico*. Mas de qual verdade falamos nas pesquisas em educação? Talvez o sentido desse trajeto metodológico seja outro. A partir de Nietzsche (2011), da inexistência de uma comprovação de verdade, argumentamos que a verdade é uma forma de negar a própria realidade, propondo pensar a perspectiva múltipla de diferentes pontos de vista.

Os procedimentos investigativos das pesquisas em educação seguem, assim, uma tendência epistemológica que está fundamentada em pressupostos teórico-metodológicos

que buscam, quase sempre, a análise da estruturação social e pedagógica por processos de coleta, baseando-se em um conjunto de regras e direcionamentos estruturalistas. Não obstante, os manuais de pesquisa (COSTA; COSTA, 2015; BAUER; GASKELL, 2015; MARCONI; LAKATOS, 2003; SANTOS; SANTOS, 2010; MINAYO, 2001) destinam boa parte de seus encaminhamentos para identificar o que seria, em tese, a produção do conhecimento e como forma de determinar o que é uma pesquisa científica fundada na reprodutibilidade e neutralidade, orientada pela coleta de dados como uma fotografia fixa da realidade, um contorno pronto para um caminho sempre diverso.

Em contraposição ao método, perspectivas pós-estruturalistas, como as que se ancoram no método cartográfico proposto por Deleuze e Guattari (2011), tem sido orientadas para a provocação de uma interpretação pautada nas subjetividades. Evocam uma contravenção a uma ortodoxia de uma finalidade objetiva que reside no fazer científico racional-moderno. Tais pesquisas privilegiam a experiência, inauguram um ponto de reconhecimento diverso sobre o método e o trazem ao cerne as compreensões que se propõem em analisar as realidades nas quais a escrita de si e as subjetividades estão presentes. Assim, evocar e descrever os processos de experiência, pelos atravessamentos tecidos com os sujeitos e o devir do pesquisador, é mais relevante que a mera constatação rígida que reafirme, supostamente, as condições de pesquisa e escrita e seus ordenamentos na produção de dados.

Nesse sentido, pensando com Cardoso (2019), a partir da ideia de que “o método científico não supre os conhecimentos, as etapas, decisões e planos necessários à execução da investigação” (2019, p. 28), torna-se possível a compreensão de que, embora um método oriente e articule, ele não supre a relação em si com o campo, apenas direciona. Assim, de modo contrário e até mesmo diverso ao racionalismo e ao positivismo, é essencial a composição de uma espécie de eterno retorno: a construção do caminho da pesquisa em educação feita pelos achados da pesquisa, que a todo momento pode (e deve) ser reorientado, se conectar ou reconectar, obter sentidos diferentes ou múltiplos à medida que avança na produção de dados.

De certo modo, as pesquisas em educação nascem (ou deveriam nascer) do contato ou, como sugere Nóvoa (1995), da junção de diversos olhares que permitem a construção de uma compreensão multifacetada, que produz um conhecimento situado e ético em uma espécie de encruzilhada de vários saberes para orientação de um percurso metodológico. O percurso, então, se assumiria no trabalho de uma construção múltipla, grafada, considerando o pesquisador e seus processos de subjetivação e devir, bem como o

tensionamento ocasionado pelo campo, e a participação (ou não) de outros sujeitos por meio de suas histórias de vida, considerando que tais procedimentos não retiram da pesquisa sua rigorosidade científica e seu valor metodológico. Assim, a escrita, também de si, passa a compor esse espaço de pesquisa com capacidade de, partindo do devir do pesquisador, dos rizomas e trajetos dos sujeitos, realizar um alargamento de compreensão da realidade pelo compartilhamento individual e/ou coletivo.

Nestes termos, haveria dada experiencição do devir, do encontro, considerando as ideias e pensamentos que acompanham os processos que produzem a realidade e que de certa medida rompem com um modelo linear e tradicional de se pensar a ciência. Consideramos, ainda, que há múltiplos caminhos, pois há múltiplas conexões que se ligam ao próprio caminho de quem pesquisa e se operam de modo contínuo e que, de certa forma: “escapam às estruturas pré-estabelecidas, ordenadas e fixas” (SOUSA E OLIVEIRA, 2022, p. 20). Logo, esse descortinamento é um trajeto de autoconhecimento em busca de uma experiência de pesquisa significativa e que rompe, cinde e é comprometida em se modificar a partir do contato com a realidade, a troca com os sujeitos e a evidência da subjetividade.

As pesquisas ancoradas na cartografia e na escrita agonística possuem a insurgência como característica fundamental ao método. De certo modo, a adoção das duas perspectivas na construção do processo de pesquisa e escrita carrega motivações insurgentes e disposições constitutivas que influenciam, significativamente, no referido processo na busca por uma experiência de pesquisa. Há uma espécie de convergência, que transporta em si um modo/sentido envolvido por rupturas e resistências à imposição de condutas pré-estabelecidos que, redundantemente, impõem experiências de pesquisa e escrita. Isso se evidencia, a início destas considerações, a resposta contra-hegemônica de construção de saberes que as perspectivas de pesquisa trazem e permitem. Há, até certo ponto, uma tensão própria que compreende um conjunto de compreensões, saberes e práticas que, por seguinte, contribuem para a superação da rigidez e ininteligibilidade do método científico positivista para evidenciar o processo de construção do trabalho de investigação.

Dessa forma, o presente ensaio, como parte de uma propedêutica que vem sendo desenvolvida no curso do Mestrado em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco, tem como objetivo (re)pensar os métodos utilizados na pesquisa em educação, buscando ancoragens teórico-epistêmicas que permitam ressaltar alguns direcionamentos e que constituam pressupostos para os estudos que se utilizam das

referidas perspectivas para valorização das subjetividades no fazer-escrever das pesquisas em educação.

CARTOGRAFIA ENQUANTO MÉTODO

Deleuze e Guattari (2011), ao cogitarem a cartografia, o fazem a partir da filosofia da diferença e assumem sentido de uma forma complexa para compreender e pensar as relações na produção do saber. Investem na reflexão sobre o que ocorre entre as pessoas, as coisas, os objetos, as instituições, valorizando o funcionamento produtivo da realidade a partir de uma ideia contra-hegemônica do racional-tradicionalismo da modernidade. Seus escritos partem de uma ideia de potencial crítico que considera os movimentos subalternos, marginais e singulares como uma prática real e desde a produção e criação de novas maneiras de pensar e viver que possam contrapor o poder e a opressão com propostas inventivas de construção de linhas de fuga. Assim, estabelecem a ideia de crítica como modo para inventar e criar.

Para os autores, o mundo sensível, onde está a materialidade e as aparências, propõe potências singulares de vida e do pensamento, saindo do domínio da representação e indo para o domínio da experimentação e das conexões entre as coisas, assim é a experimentação que define o pensamento e não o contrário. No que se refere ao método, designam uma linha de fuga, um escape dos domínios positivistas, e buscam valorizar as relações, os contatos, as trocas e as conexões como bases da vida para que algo novo seja criado e para que possamos inventar o inédito. Argumentam acerca da produção de subjetividades como um território composto pelo agenciamento de movimentos e afetos (afeto como efeito do encontro, afetação, ser afetado).

O acesso ao processo de subjetivação se dá, então, por um sistema complexo e heterogêneo que é constituído não só pelo sujeito, mas pelas relações que este estabelece e pelos processos de encontro, da coletividade, do devir. Assim, enquanto trajeto, não se organiza segundo uma lógica produtiva de ciência, mas de fazer ciência a partir de pistas, de dados, de possibilidades que são feitas ou achadas e convergem no percurso da pesquisa. Enaltecem, de certo modo, o momento, os desejos, os interesses e expectativas, permitindo a compreensão múltipla a partir também do pesquisador, que se coloca no mesmo movimento dos sujeitos.

Porém, dessa forma, enquanto mapa instrutivo, não assume o registro e a mera descrição dos fatos encontrados no percurso da pesquisa. O referido recurso metodológico se baseia na busca pela reflexão sobre o caminhar e seus achados, articula o próprio

processo de experiência a um movimento de exteriorização das vivências, à medida que também pronuncia a interiorização desta mesma experiência. Destarte, renega a linearidade da pesquisa (nos moldes positivistas) que visa, a todo custo, comprovar-se como cientificamente e socialmente válida.

É, nesse aspecto, que Passos, Kastrup e Escóssia (2020) invocam, pensando a cartografia enquanto caminho para conhecer, uma processualística do investigar que não se pretende enquanto fotografia rígida do mundo, mas que condensa estratos, acompanha percursos e sugere processos em rede – ou rizomas, a partir de Deleuze e Guattari (2011) –, de modo também que se apresente como a aparência do mesmo, mas nunca como centro de uma premissa universal, mas sim compromissada com a realidade e a intervenção.

Ao assumir uma ancoragem cartográfica, consistente no acompanhamento de processos (BARROS; KASTRUP, 2020), a metodologia da pesquisa em educação segue um processo de *experienciação*, ou seja, um experimento da experiência. Indica os caminhos trilhados na feitura deste mesmo acompanhamento, revertendo o acontecimento em um mapa, sem quaisquer representações da realidade ou do objeto pesquisado. Soma-se a isso, que boa parte (se não integralmente) dos saberes produzidos dentro deste campo metodológico são de ordem subjetiva, por isso só existe com e desde os sujeitos em si, sobretudo com sujeitos em movimento, em relação para e com o objeto. Reflete tais caminhos e (re)desenha a rede de interconexões que se mostra, igualmente, em movimento, por passos que se sucedem, fazendo deste “uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas” (FOUCAULT, 2004, p. 135).

Enquanto método, a cartografia dimensiona uma abordagem empírica, com objetivo de acompanhar percursos, implicar os processos de produção, conectar as redes e rizomas (PASSOS; KASTRUP; ESCOSSIA, 2020). Assim é preciso destacar que

“[...] a cartografia como método de pesquisa-intervenção pressupõe uma orientação de trabalho do pesquisador que não se faz de modo prescritivo, por regras já prontas, nem com objetivos previamente estabelecidos” (PASSOS; BARROS, 2020, p. 17)

A renúncia à prescrição estabelece a produção de conhecimentos que valorizam, assim, as experiências subjetivas e permite conhecer e produzir a construção de novos conceitos e mapas, que deem conta de visualizar a subjetivação das dinâmicas sociais presentes no território. Nesse sentido, produz um agenciamento que se desdobra em novas configurações e relações, pensando a ação humana para além das estruturas e de ideias preexistentes.

Há, de certo modo, também, uma experienciação do devir, do encontro, considerando as ideias e pensamentos que acompanham os processos que produzem a realidade e que, em certa medida, rompem com um modelo linear e tradicional de se pensar a ciência. Considera que há múltiplos caminhos, pois existem dinâmicas distintas que se conectam ao caminho de quem pesquisa e operam de modo contínuo. Afinal: “[...] escapam às estruturas pré-estabelecidas, ordenadas e fixas” (SOUSA; OLIVEIRA, 2022, p. 20), logo, esse descortinamento é um processo de autoconhecimento em busca de uma experiência de pesquisa significativa que opera na multiplicidade e possa ser concebida para além de uma mera investigação, podendo ser lida e tida como “uma obra de arte [...] uma ação política ou como uma meditação” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 30).

De tal modo, a cartografia enquanto método é o que se “apresenta como possibilidade de adentrar as redes que compõe os dispositivos³, visando exatamente desmaranhar as linhas que se cruzam e entrecruzam nesse “novelo”, tornando visível os agenciamentos que estes estabelecem no campo social” (SOUSA; OLIVEIRA, 2022, p. 21), fazendo com que o trabalho possibilidade e a função de investigar, descrever, intervir e, sobretudo, suscitar subjetividades pelas possibilidades de emergência.

A ESCRITA AGONÍSTICA

Nietzsche (1844-1900) foi um filósofo crítico e que estabeleceu uma crítica à racionalidade e a cultura hegemônica que facilmente se alarga na contemporaneidade para compreensão das organizações sociais. Em *O Nascimento da Tragédia* (2020), o autor refaz a crítica sobre o seu tempo, ancorando sua compreensão do todo como um fluxo, um devir estruturado pela luta infinita e de forma contínua, pautado pelo *agon*, que seria o tensionamento de contrários. A referida luta de forças antevê mudanças sem finalismos, com uma espécie de “eterno retorno” onde tudo é um processo circular e guiado por impulso, por mais potência. Segundo Nietzsche (2019), o *agon* induz às ligações entre os sujeitos, no sentido de superar e gerar valor contínuo, para a compreensão própria e a criação produtiva.

Nesse aspecto, Bittencourt oferece uma definição de agonística. Agonística então,

[...] se caracteriza por preconizar a constante superação de forças vitais por meio da interação competitiva entre os seres humanos, tendo como meta o desenvolvimento de obras e atividades que possibilitem a afirmação da excelência humana e a superação de uma visão de mundo pessimista,

³ Dispositivos, segundo Prado Filho e Tetti (2013), são compostos por discursos, instituições, decisões, conceitos científicos.

decadente e enfraquecida, em prol da afirmação da beleza, da superação dos limites pessoais e da glória do gênero humano. (2010, p. 15)

Desde o método cartográfico a escrita, pensada nesses termos, evoca a oposição a forma tradicional de (re)conhecer e pensar do que em buscar assumir uma forma centralizada e que parte de uma percepção pessoal forjada no alargamento de conceitos. O fundamento que baliza essa ideia impõe um olhar amplo, considerando a pluralidade na produção do conhecimento e que não deve ser compartimentado, divisível. Assim, nesse aspecto, a escrita assume o papel de redesenhar e transpor o embate agonístico, a tensão das forças que assujeitam os já sujeitos, propondo o desmanchamento avesso da prática caquética que fala e nada diz de uma ciência que não caracteriza quem fala, apenas descreve, quantifica e se apropria das experiências. A escrita agonística, assim, permite pensar *com* e *desde* os sujeitos, uma vez que são implicados por um “vai-e-vem louco e se constitui a distância que ele mesmo percorre, inaugurando uma outra relação entre tempo, subjetividade e experiência estética” (PELBART, 2015, p. 45).

Ao contrário de uma escrita concordante e meramente harmônica, a escrita agonística segue o sentido da diferença, do conflito e da ampliação da compreensão a partir de várias vozes, reconhecendo que as perspectivas são formadas a partir de diferentes contextos sociais específicos, questionando a norma dominante, ousando estabelecer relações difusas. Dessa forma, não sugere evitar o conflito, porque esse é essencial no processo de produção do conhecimento, mas provocá-lo a vocalizar as vozes discordantes e valorizar o divergente. Nesse aspecto, pode-se produzir um conhecimento plural e situado que considere os conflitos, quanto os interesses presentes na diversidade.

Em certo ponto, a escrita agonística e a cartografia se unem, assumindo, também, a função de linha de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2011), em um processo de desterritorialização do próprio saber-fazer metodológico da pesquisa. Destacam novas afetações e repulsas, mobilizam a subjetivação, o exterior interiorizado para um lugar de novas compreensões que fogem ao método científico tradicional e acontecem no encontro. Parte, assim, da perspectiva do dissenso que, por sua vez, é articulado a uma ordem nunca fixada de práticas contingentes e precárias.

Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016), quanto ao referido fazer científico, indicam que o processo de escuta e fala é meio de apropriação pessoal da própria história e, de certo modo, empoderamento. Assim, consideram que a escuta ética é fundamento de reconhecimento da historicidade e pertencimento e que a narração das histórias experienciadas é a origem do reconhecimento de si.

Além disso, os processos de reflexão e ressignificação das experiências são importantes tanto para os sujeitos, quanto para o pesquisador (que se forma no processo da pesquisa e dela participa). Pois, segundo Larrosa (2021), o referido fazer científico-acadêmico reside nas práticas de ler e escrever, falar e escutar, e, sobretudo, transformar o apanhado em palavras que são, ou deveriam ser orientadas para a provocação e, até mesmo, contravenção ao que propõe a ciência positiva.

A SUBJETIVIDADE NO(DO) MÉTODO

Conforme Guattari e Rolnik (1996), a subjetividade não é ponto determinante dos sujeitos, acontece no encontro e em tudo que pode ser produzido enquanto efeito nos sujeitos que criam um território existencial (um espaço e não um lugar geográfico) que irá diferir em funcionamento entre os demais. O atravessamento de linhas permite, pois, que a vida seja organizada a partir de múltiplas referências, assumindo determinada configuração na qual valores e regras são legitimados como ordens fixas, fazendo com que a vida se assuma como potência transformadora, inventiva e habitável. Em certa medida, a subjetividade é produzida tanto pelas instâncias individuais, quanto pelas coletivas e institucionais, e carrega em si, também, as instâncias imateriais e invisíveis, não se reduzindo à mera consciência dos sujeitos.

A subjetividade, interesse do método cartográfico, está em constante construção, decorre desde as linhas duras (ou molares), que atribui aos sujeitos uma identidade, uma classificação, como também dos processos previstos pelas linhas flexíveis (ou moleculares), que delineiam o processo de afetação, e, por fim, pelas linhas de fuga, arrastando os processos de subjetivação para o novo, para a criação. Esse processo de subjetivação jamais é separado da relação com o mundo, se transforma pelo agenciamento dos movimentos e dos afetos, conectando-se e reconectando, compondo e decompondo a realidade. O que interessa ao método cartográfico, então, são as fissuras nas linhas de fuga que permitem processos de subjetivação inventivos, outros, permitindo a criação e a ocupação de novos territórios existenciais (ROMAGNOLI, 2006).

Deleuze e Guattari (2011) rompem com a ideia de par indivíduo-sociedade, acreditando que vida é invenção, acontece nos processos e nos encontros, é aquilo pelo qual o sujeito se torna outra coisa que não aquilo que está acostumado a ser. O coletivo então, se viabiliza e se sustenta nas relações e nos processos micropolíticos através de um plano de criação conjunto que se estabelece nas relações entre os sujeitos.

Uma característica marcante para esses acontecimentos, no coletivo, dá ao método cartográfico algumas características que atentam e afrontam ao cientificismo positivista, uma vez que tais acontecimentos não podem e não são reproduzidos, são únicos, irrepetíveis e singulares, acontecem entre os sujeitos, orientados pelo momento e em determinado contexto. Soma-se a isso, que são imprevisíveis, não são orientados, e por isso o método acompanha os processos de subjetivação, com um convite para inventar, propiciando a expressão das singularidades. Sobretudo, uma pesquisa ancorada no método cartográfico, emerge nos encontros, nas passagens “entre” os sujeitos, no tornar-se (*devir*)

UM CONSENSO SOBRE O MÉTODO A PARTIR DO AGONISMO E DA CARTOGRAFIA

Seguindo os pressupostos problematizados até aqui, o que seria a naturalidade científica é, na verdade, uma expressão de determinada configuração de relação de poderes para, fazendo um alargamento do pensamento de Mouffe (2014), arregimentar um modo de pensar de forma convencida sobre dada realidade e acatar a norma. Dessa forma, o método cartográfico cunhado a partir de uma escrita agonística permite, pensando no conflito naturalizado dos interesses científicos, a pauta de uma visão da realidade e da própria pesquisa para além da perspectiva produtiva e direcional, que se debruça a escrita normatizada pelos interesses silenciosos e voláteis da ciência positiva, para pensar nos processos e nas vivências, nos afetos e nos processos de subjetivação. Afinal, indica Larrosa (2021) que a escrita é uma experiência de movimento subjetivo que produz tensionamentos com a capacidade de modificar, mobilizar e inquietar os demais sujeitos. Ou seja, a escrita agonística de uma pesquisa ancorada pelo método cartográfico transpõe o sentido do próprio método, ao inquietar os sujeitos e marcando um processo de experimentação das potências dos encontros permitindo a compreensão do plano de imanência.

Para Kroeff e Prudente (2019), a escrita agonística é tecida a partir da problematização ético-estético-política, provoca e cria um texto com a capacidade de suscitar fissuras no modo de conceber o conhecimento. É a produção de conhecimento a qual Foucault (2014), em *Ordem do Discurso*, assinala como: “ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimento que tem por função [...] dominar seu acontecimento, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2014, p. 8-9). Assim, há uma estrutura que busca a

manutenção de valores e disposições para validação de discursos considerados “oficiais” excluindo tudo o que lhe afronta (FOUCAULT, 2014).

É nesse instante que o método da pesquisa se volta, pensando na concepção de Larrosa (2021) sobre a escrita, e da escrita como experiência, como experiência subjetiva de pertencimento, à exteriorização da interioridade, não singular, mas coletiva, guiada pelos afetos. Esse espaço, de luta contra-hegemônica, pensado em uma escrita agonística pautada na cartografia, passa, então, a grafar a experiência como parte inclusa de um grupo, como intercessor do pertencimento de quem pesquisa. Nesse aspecto, do saber-vivência-experiência ligada ao sentido da própria experiência. Experiência singular e coletiva enquanto espaço de subjetivação do concreto, da capacidade das estruturas de se estabelecerem e a capacidade enquanto sujeito de movê-las, compreendendo as interferências sócio-históricas para sua própria libertação e reivindicação de espaço.

A experiência humana, seguindo a lógica do método cartográfico e da escrita de forma agonística, face a diferentes objetos, se singulariza à medida que se conecta e reconecta pela multiplicidade dos elementos, fluxos e dinâmicas que se descrevem na realidade. É preciso visualizar a totalidade de elementos e a compreensão das perspectivas e experiências, sem generalizar o conjunto de sujeitos envolvidos no processo de pesquisa, mas valorizando as participações de modo a mapear as interações e fluxos, percebendo que neste aspecto produzem e se reproduzem. Nesse sentido, não é o estático, o número ou os dados da realidade, mas o movimento, a dinamicidade dos eventos e das relações que são orientadas pelos condicionantes da realidade que demonstrarão o caminho a ser percorrido na pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agonística, orientada pela cartografia, refaz um percurso contrário ao método positivista de ciência: evidencia a afronta, provoca, torna-se inadequado o sentido, se arrisca, respira e reivindica um lugar onde se pauta uma experiência em contexto de vida. Argumentamos, ainda, que organiza escolhas – orientadas ou não – que compreendem o processo de ser e estar no mundo dos sujeitos que integram a pesquisa sem invisibilizá-los, mas construindo um caminho metodológico que enaltece os encontros, as trocas e os processos de criação de linhas de fuga.

A conexão cartografia e agonismo descreve, a nosso ver, uma conexão rizomática, conectada a partir de um mesmo sentido que, desde o pensamento de Deleuze e Guattari (2011), não cessa de se conectar a organizações de poder, às ciências, às lutas sociais e

diferentes outras perspectivas. Essa conexão, embora possa descrever uma hierarquia, uma relação de poder e de causa e efeito, salta os olhos por determinar um caminho de pesquisa permeado por afetações no campo social, pelos desdobramentos e interconexões que possibilita. De forma múltipla, a conexão agonismo e cartografia se constitui e se engendra na orientação do caminho, conectando-se em variáveis que mudam a natureza do próprio sentido dado a cada campo, estabelecendo outras conexões.

Portanto, acompanhar o andamento dos processos de conexão permite compreender como categorias de análise insurgem e constroem um caminho outro e a partir do entrecruzamento de novas categorias. Permite, sobretudo, averiguar como essas conexões, muitas delas interseccionais e subjetivas, operam em um movimento constante, compondo um espaço que escapa à mera compreensão lógica e conclusiva proposta pelos métodos fechados. Confere às pesquisas, especialmente no campo da educação, um sentido holístico para compreensão da realidade e interação com os sujeitos.

REFERÊNCIAS

BARROS, Laura Pozzana de; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método cartográfico: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2020.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2015.

BITTENCOURT, Renato Nunes. A questão da agonística grega e suas influências na formação da cultura ocidental. **Revista Urutugá**. Maringá, n. 22, p. 14 -30, set. 2010. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/view/9308>

CARDOSO, Fernando da Silva. **É isto uma mulher?** Disputas narrativas sobre memória, testemunho e justiça a partir de experiências de mulheres-militantes contra a ditadura militar no Brasil. 2019. 339 fls. Tese (Doutorado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

COSTA, Marco Antonio F. da; COSTA, Maria de Fátima Barrozo da. **Projeto de Pesquisa: entenda e faça**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** - vol. 1. Rio de Janeiro: 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: 34, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”. In.: FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

KROEFF, Renata Fischer da Silveira Kroeff; PRUDENTE, Jéssica. Alice e os Paradoxos da Escrita Acadêmica. **Revista Polis e Psique**, Rio Grande do Sul, v. 9, n. 9, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpps/v9n2/v9n2a10.pdf>

LARROSA, Jorge. **Tremores: Escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

MAGNAGO, Clarissa Faverzani; CARIJO, Matheus Mortari; PAVÃO, Silvia Maria de Oliveira. A constituição do cenário social da pesquisa: complexidade, singularidade e processualidade na epistemologia qualitativa. **Educere: – Revista de Educação**, Umuarama, v. 23, n. 2, p. 780-792, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistasunipar.com.br/index.php/educere/article/view/9650>

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOUFFE, Chantal. **Agonística: pensar el mundo políticamente**. Buenos Aires: Fondo da Cultura Económica, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. A disputa de Homero. *In.*: NIETZSCHE, Friedrich. Cinco prefácios para cinco livros não escritos. São Paulo: 7 letras, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos – ou como filosofar com o martelo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de Potência**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias de sua vida. *In.*: NÓVOA, Antônio (org.). **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

PASSEGI, Maria; NASCIMENTO, Gilcilene; OLIVEIRA, Roberta Antunes Medeiros de. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em educação. **Revista Lusófona de Educação**, Porto, n. 33, 2016. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/5682>

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como Método de Pesquisa-Intervenção. *In.*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método cartográfico: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método cartográfico: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2020.

PELBART, Péter Pál. Tempos agonísticos. **Revista do Instituto de Artes da UERJ - Concinnitas**, Rio de Janeiro, v. 02, n. 27, p. 41-49, dez. 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/21152>

PRADO FILHO, Kleber ; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Revista Barbarói**. Santa Catarina, n.38, pp. 45-49. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n38/n38a04.pdf>

ROMAGNOLI, Roberta C. **Apostila da disciplina: Clínica Social**. Curso de Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Betim, 2006.

SANTOS, Maria de Fátima Ribeiro dos; SANTOS, Saulo Ribeiro dos. **Metodologia da Pesquisa em Educação**. São Luís: Núcleo de Tecnologias para Educação, 2010.

SOUSA, Márcia Maria de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de. Cartografia: perspectivas metodológicas na pesquisa em educação. **Cadernos da Fucamp**. Minas Gerais, v. 21, n. 50, p. 17-33, 2022. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2702>